



### ESCRITA DE AUTOR

#### AUTHOR'S WRITING

Isaías Mucindo Armando Mate<sup>1</sup> (Mudungazi)<sup>2</sup>  

**RESUMO:** A presente comunicação trata-se de um discurso proferido pelo autor *Sonata de uma Nação Vagabunda e Memória Subterrânea*, em Moçambique no âmbito de lançamento dos livros.

**Palavras-chave:** Escrita de Autor. Sonata de uma nação vagabunda. Memória subterrânea

**ABSTRACT:** *This communication is a speech given by the author Sonata de uma Nação Vagabunda and Memória Subterrânea, in Mozambique as part of the book launch.*

**Keywords:** Author Writing. Sonata de uma nação vagabunda. Memória subterrânea

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), estudante bolsista da CAPES, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É docente efetivo na Universidade Save, Moçambique. Escritor premiado na categoria Poesia pela Universidade Pedagógica-Maxixe. Mestre em Educação — Ensino do Português pela UP-Maputo. E-mail: [mucindomate@gmail.com](mailto:mucindomate@gmail.com)

<sup>2</sup> Mudungazi é o nome artístico do jovem escritor Isaías Mucindo Armando Mate, nascido aos 09 de julho de 1984 em Moçambique, numa pequena aldeia histórica chamada Machecahomo, no distrito de Mandlakazi, na província de Gaza. Atualmente, é doutorando em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no Brasil. Possui mestrado em Educação — Ensino do Português pela UP-Maputo e é Licenciado em Ensino do Português pela Universidade Eduardo Mondlane em Moçambique. Exerce as funções de docência e pesquisador na Universidade Save em Moçambique. Foi professor no ensino primário e secundário. Foi vencedor na 4ª Edição do Prémio Literário José Craveirinha na Categoria de Poesia, promovido pela Universidade Pedagógica-Maxixe e teve uma Menção Honrosa no 3º Concurso Internacional de Literatura da ALACIB (Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil) na Categoria de Poesia. O conjunto da sua obra reúne dois livros publicados em 2024: *Sonata de uma Nação Vagabunda* e *Memória Subterrânea*, ambas revelam o estilo lírico, cuidadoso e crítico que se evidenciam na pluma atenta do jovem escritor. Além do mais, alguns dos seus textos integram a Antologia de Prosa e Poesia, do livro *Impoética & Poesia, Poemas & Cartas Ridículas de Amor; Memórias do Idai*, Revista Mangles & Letras (13 de junho 2020, n 14).

## O ato de escrever: *Sonata de uma Nação Vagabunda e Memória Subterrânea*

Em arte, é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima duma personalidade artística. A primeira condição duma obra viva é, pois, ter uma personalidade e obedecer-lhe. (...) Eis como tudo se reduz a pouco: Literatura Viva é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida, e que por isso mesmo passa a viver de vida própria. (José Régio — In: “Literatura Viva”)<sup>3</sup>

A guerra, afinal, é tanto um meio de alcançar a soberania como uma forma de exercer o direito de matar. Se consideramos a política uma forma de guerra, devemos perguntar: que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou morto)? Como eles estão inscritos na ordem de poder?” (Achille Mbembe — In: “Necropolítica”)<sup>4</sup>

*Sonata de uma Nação Vagabunda e Memória Subterrânea* são fruto do ato de escrever. Esse ato inspira-se nas coisas do cotidiano: o dia a dia das populações, as adversidades da vida, a má sina, os desafortunados, os conflitos armados, as disputas de espaço homem/animal e a tradição oral bantu. Eis a razão do enquadramento das obras no conceito “Literatura Viva”. Os livros, de certa forma, retratam vivências humanas ou desumanas, de forma artística. Frantz Fanon diria que pintam a vida dos condenados da terra. E, não há condenados sem aqueles que condenam ou mandam condenar.

Então, quem seriam “os condenados da terra” em *Sonata de uma Nação Vagabunda e Memória Subterrânea*afi? Quem seriam os que condenam ou mandam condenar os outros?

Em *Necropolítica* há aqueles que devem morrer e aqueles que selecionam os que devem morrer. De que forma o ser humano é conduzido à morte nessas obras?

Em *Memória Subterrânea*, um grupo de cães começa a morder-se e a morder a população. Farta dos abocanhamentos, a liderança local reúne-se para resolver o problema. Onze caçadores são destacados para a difícil missão de capturar os cães refugiados na floresta e matá-los. Durante a caçada, há várias provações que se sucedem, entre o desespero e a esperança, entre a morte violenta e a sobrevivência do grupo. Os caçadores/guerreiros morrem de forma desumana, perdem a batalha e no fim decidem retirar-se do combate. Os que restam, regressados à aldeia, têm os seus feitos não valorizados, daí que, em jeito de repúdio à sua condição, começam a montar barricadas nas ruas, exigindo equidade de oportunidades. Eis a origem do caos social: a injustiça, a desumanização do outro

<sup>3</sup> Citação usada em *Sonata de uma Nação Vagabunda*, numa das orelhas.

<sup>4</sup> Citação usada em *Memória Subterrânea*, numa das orelhas.

e a desigualdade na distribuição da riqueza. Massingue e Mate (2023)<sup>5</sup> observam que “o recurso a formas de tradição oral como estratégia discursiva em textos de autores africanos é recorrente. O discurso do narrador na escrita “africana”, (...) não raras vezes, oscila entre o gênero escrito e o oral”. Logo, o episódio sobre os cães aterrorizadores projeta-nos às fábulas contadas à volta da fogueira. E o destacamento de homens para o empreendimento de busca e captura dos cães ferozes remete-nos, até certo ponto, à seleção e condução de pessoas à morte. E a liderança local não pode ser entendida como metonímia da liderança da nação?

Atente-se na seguinte passagem:

Este é o nosso décimo segundo dia, e décima segunda noite, a enfrentarmos tudo o que há de desafiante por cá. Temos esposas e filhos que deixámos nas nossas cubatas. Algumas já são viúvas, apesar de ainda não saberem. Alguns filhos já são órfãos. Temos irmãos e sobrinhos, que precisam de pão a cada dia que nasce o sol. Estamos neste inferno porque coisa melhor não há para dar aos nossos descendentes e esposas. Futuro melhor não há nas nossas vidas. Mudança alguma também não há. Desenvolvimento é coisa para enterrar no esquecimento. Confiança é uma quimera. Nada é sustentável. É tudo demagogia. Tudo mentira sem retrocesso (MS, p. 103).

É importante lembrar que: se existe injustiça, há quem a pratica; se existe desumanização do outro; se existe desigualdade na distribuição da riqueza, existem também os autores. E quem são esses autores?

Não é tarefa da obra literária ou do autor dar respostas a perguntas. Cabe à obra literária, como produto de criação artística, sugerir interpretações, ou seja, mostrar de maneira subjetiva os caminhos para possíveis respostas.

Em *Sonata de uma Nação Vagabunda* temos na capa a imagem de uma família em movimento, um batuque e uma marimba no chão. Cabe ao leitor identificar mais elementos, seus detalhes e os possíveis significados. O livro estrutura-se em cinco partes. Coincidentemente, o poema que dá título ao livro apresenta cinco partes. *Sonata de uma Nação Vagabunda* conduz-nos a refletir sobre diversas temáticas do cotidiano. Há uma voz que grita angústias, tristezas, desassossegos, dor, medo, indiferença do amor, entre outras temáticas.

A título de demonstração, temos o poema *Sonata de uma Nação Vagabunda*:

<sup>5</sup> MASSINGUE, S.: MATE, I. Provérbio, polifonia e representação em “Balada de Amor ao Vento”, de Paulina Chiziane. In: RODRIGUES DA CRUZ, H.; RODRIGUES, Luís; TIMBANE, Alexandre (Org.). *As literaturas em português em debate: produções, estudos e pesquisas*. Belém: Home, 2023, p. 33-39.

**Sonata de uma nação vagabunda**

Nós somos de Tete...  
Em Tete, nascemos em Chitima;  
nascemos em Caphiridzange;  
nascemos na Vale, nos tempos de lá;  
e, hoje, viajamos sem querer para Kapise e Luani...

Nós somos de Tete...  
Em Chitima,  
com tambor de pombe,  
saciámos nossas desesperanças;  
em Caphiridzange,  
matámos as nossas desgraças com barril de crude;  
na Vale,  
hoje, somos mendigos de nossos assentamentos,  
e em Kapise e Luani,  
refugiado de guerra  
é a nossa única ostentação como sobrenome.

Nós não somos só de Tete...  
Nós somos de Montepuez e Mocímboa da Praia;  
somos de Nhamatanda e Gorongosa;  
Bilankulu e Zavala;  
nós somos maronga e maxangana.

Em Montepuez,  
o rubi é pena das nossas desgraças;  
em Mocímboa da Praia,  
o gás é relíquia para brancos da nossa raça;  
em Nhamatanda e Gorongosa,  
não há mais terra para enterrar a nossa falta de destino;  
na antiga Terra de Boa Gente,  
nascemos para desviver em Mavanza e Quissico;  
em Maputo,  
a EN4 e lixeira de Hulene  
são serrotes dos nossos desesperos;  
e Gaza é o celeiro do cúmulo da nossa vagabundagem.

Nós somos filhos de um Adão que rejeitou a nossa gravidez;  
somos filhos de uma Eva prostituta;  
uma deusa masoquista e um deus sádico.  
Nós somos filhos de uma nação vagabunda.

Ora vejamos:

O poema em si é o retrato da má sorte de um povo que se considera bastardo e rejeitado: “Nós somos filhos de um Adão que rejeitou a nossa gravidez”. Essa rejeição leva esse povo a afirmar que “Nós somos filhos de uma nação vagabunda”.

O texto envereda por um discurso argumentativo. O discurso argumentativo emana de uma tese,

justificada no desenvolvimento e confirmada na conclusão. Assim sendo, o poema, a nível do discurso, estruturalmente, apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na introdução, toma-se o primeiro verso como mote do poema: “Nós somos de Tete”. Tete é a metonímia da nação que gera filhos vagabundos. A construção temática, no primeiro momento, primeira estrofe, serve-se dos diferentes lugares de Tete, onde aconteceram coisas tristes: Chitima, Caphiridzange, território em que se implantou a Vale e regiões de onde partiram populações para Kapise e Luani.

A segunda estrofe considera-se o segundo momento, sendo o desenvolvimento da primeira, em que se encontra a revelação das coisas tristes ocorridas em Tete: a tragédia de Chitima, causada pelo consumo do *pombe*; a tragédia de Caphiridzange, devido ao camião de combustível que “saciou” a desgraça da população; os reassentamentos mal geridos na região ocupada pela Vale; o drama dos refugiados em Kapise e Luani.

Já, a terceira introduz uma mudança na enunciação, pois o discurso expande-se do particular ao geral, ou seja, o sujeito poético deixa de ser apenas de Tete e assume-se como sendo dos outros lugares: i) Montepuez e Mocímboa da Praia, ii) Nhamatanda e Gorongosa, iii) Bilankulu e Zavala; maronga e maxangana. Essas regiões e etnias não são mais do que a representação das três partes de Moçambique: Norte, Centro e Sul, o que recapitula e justifica a ideia de nação mencionada no título.

A quarta estrofe, para a sua progressão, socorre-se da mesma estratégia usada na segunda. O modelo de desenvolvimento é o mesmo, por via da gradação, trazendo a nu o drama das populações dessas regiões: os rubis que só trazem desgraça para as populações locais; o gás, que só beneficia a pequenos grupos da elite, transformados em novos exploradores; as mortes de Nhamatanda e Gorongosa; os acidentes de Mavanza e Quissico; da EN4 e lixeira de Hulene e as coisas vividas em Gaza — a manipulação estatística dos dados eleitorais, o atraso económico e demais coisas que cabem na vida de povos vagabundos, povos sem futuro, “os condenados da terra”, na visão de Frantz Fanon.

Por último, a quinta estrofe encerra o discurso, após um rol de argumentos que sustentam a proposição *Sonata de uma Nação Vagabunda*: “Nós somos filhos de um Adão que rejeitou a nossa gravidez; /somos filhos de uma Eva prostituta; /uma deusa masoquista e um deus sádico. /Nós somos filhos de uma nação vagabunda.”

A obra de arte deve estar ligada à vida. Mas, atenção: não se trata de uma simples transposição de vivências para o texto poético ou narrativo.

Fernando Pessoa, por exemplo, na fundamentação do processo de criação do texto poético, como exercício artístico, traz-nos “Autopsicografia”, considerando o poeta como um “fingidor”.

Esta coisa de escrever poesia ou narrativas afigura-se como um ato de brincar. O poeta/escritor transforma algo sério em brincadeira, pois ele brinca com os nossos sentimentos ao criar dores, algumas existentes, outras inexistentes. Aliás, a inexistência da dor perde espaço no texto verdadeiramente artístico. Portanto, a sua presença ganha lugar, a partir do momento em que o leitor interioriza as dores do poeta/escritor, aquelas que ele teve e as que não teve, as verdadeiras e as fingidas, dialogando com as suas.

É aqui onde reside o ato de escrever de maneira artística. Ao escrever de forma artística, o poeta/escritor mobiliza vários recursos ao seu dispor. Por isso, o ato de escrever é tarefa de mobilização de recursos linguísticos e estilísticos que o escritor/poeta empreende para dar vida ao texto. E um texto com vida é aquele que dialoga com as sensações e as imaginações do leitor.

(Mudungazi, 26 de abril, 2024)

## Referências

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**. n. 32, pp. 122-151, dezembro 2016.

<https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>

MASSINGUE, S.: MATE, I. Provérbio, polifonia e representação em “Balada de Amor ao Vento”, de Paulina Chiziane. In: RODRIGUES DA CRUZ, H.; RODRIGUES, Luís; TIMBANE, Alexandre (Org.). **As literaturas em português em debate: produções, estudos e pesquisas**. Belém: Home, 2023, p. 33-39.

RÉGIO, José. Literatura Viva. **Presença**. N. 01, 10/03/1927.

Recebido em: 02/10/2024

Aprovado em: 17/11/2024

## Como citar esta resenha

MATE, Isaiás Mucindo Armando. (MUDUNGAZI). Escrita de autor. **Revista Narrares** – V.2, N.2, Jul-Dez, 2024, pp. 169-175.